

# CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.  
E se mais mundo houvera, lá chegara.  
CAMÕES, e, VII e 14.

**Diretor-Geral**  
Paulo Cabral de Araújo

**Diretor-Superintendente**  
Edilson Cid Varela

**Diretor-Responsável**  
Ari Cunha

**Editor-Geral**  
Ronaldo Martins Junqueira

**Gerente-Geral**  
Alberto de Sá Filho

**Gerente Financeiro**  
Evaristo de Oliveira

**Gerente Técnico**  
Ari Lopes Cunha

**Gerente Comercial**  
Maurício Dinepi

## Linguagem inadequada

Não servem aos propósitos de normalização da vida nacional as verbalizações contundentes, como a que acaba de produzir o presidente da Assembleia Nacional Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, ao referir-se aos oficiais generais integrantes da Junta Militar instalada em 1969. Qualquer transposição de episódios passados, no caso há quase vinte anos, para o cenário atual da experiência política, marcada por um complexo processo de transição institucional, é algo absolutamente desnecessário e, sobretudo, inútil. Mas se presta para reacender paixões que ainda ardem sob as cinzas da fogueira recentemente apagada.

A qualificação atribuída por Ulysses àqueles militares não se enquadra, em hipótese alguma, ao procedimento político do parlamentar, até então elevado, ainda que vulnerável às críticas. Dai por que a favor do presidente da Constituinte possa militar a atenuante de que sua incontinência de linguagem correspondeu a um "momento de emoção mal-administrada", conforme a análise serena do ministro do Exército, general Leonidas Pires Gonçalves.

Allá, nota expedida pelo Chefe do Exército a instâncias dos jornalistas, na qual condena o desabafo mal-humorado de Ulysses Guimarães, não poderia ter sido mais politicamente correta, nem mais sensata. Correspondeu, na verdade, a um convite à reflexão, com o sentido de manter as consciências desarmadas de prevenções e

evitar que o debate político resvale para o chão impróprio e condenável das retaliações pessoais.

É preciso encerrar esse episódio com toda a urgência. A Nação não pode dissipar o seu tempo precioso com a faina de atirar pedras ao passado; deve recolhê-las para construir o futuro. E este futuro que toda a sociedade deseja ver desde agora projetado, nas propostas das lideranças políticas e no texto constitucional em elaboração.

As perplexidades postas diante de todos os brasileiros, em razão das dificuldades causadas por disfunções no sistema econômico e de impasses sociais crônicos, impõem aos dirigentes da Nação, políticos ou militares, atitudes adequadas à superação de uma funesta realidade. A maior parte do esforço para romper os atuais dilemas caberá à Assembleia Nacional Constituinte, na medida em que edifique instituições favorecedoras do progresso, da fraternidade social, das liberdades fundamentais e da livre criação de riquezas.

Considera-se, portanto, essencial que a Constituinte, há mais de um ano em atividade, conclua os seus trabalhos e consagre na Constituição as estruturas fundamentais da sociedade. A lembrança do passado só serve como lição a ser seguida no presente e evitada no futuro, não para reavivar o fogo da controvérsia e atirar a Nação aos desgastes de uma polémica estéril.